Dia 21 — São Hospício, ou São Sospis

São Hospício, chamado vulgarmente São Sospis, florescia na Provença em meados do sexto século. Era francês, mas se ignora o lugar de seu nascimento. Tendo ouvido falar da vida penitente e da santidade dos solitários do Egito, sentiu-se aceso em desejos de imitá-los. Em meio de seus poucos anos, resolveu passar o mar para aprender daqueles mestres da vida espiritual a ciência dos santos e o caminho da perfeição.

Animado deste desejo, encaminhou-se ao Egito e, penetrando no mais interior do deserto, visitou a muitos daqueles santos anacoretas. Facilmente se pode compreender a impressão que fariam num coração tão bem disposto aqueles grandes exemplos de virtude. Admirava em uns a inocente crueldade com que maceravam seu corpo; em outros, aquele perpétuo silêncio; e em todos, aquele universal desapego, aquele espírito de mortificação, aquele puro amor de Jesus Cristo e aquela constante perseverança na oração. Tendo feito desta maneira o noviciado da vida ascética, voltou à França com resolução de pôr em prática os grandes exemplos de que havia sido testemunha e as não menos grandes lições que havia aprendido. Desembarcou na Provença e, a uma légua de Nice, descobriu numa península uma torre arruinada que lhe pareceu muito a propósito para satisfazer seu desejo de viver numa profunda solidão e de exceder, se pudesse, as penitências que faziam os anacoretas do Oriente.

Cheio daquela santa confiança e daquele alento que inspira o puro amor de Deus, encerrou-se naquelas espantosas ruínas, resolvido a ocupar-se unicamente em Deus, entregando-se à abstinência e à mortificação da carne tudo quanto fosse possível às forças naturais, com assistência da divina graça. Assim o fez; e desde logo assombrou a todos sua vida, tendo-a por uma espécie de prodígio.

Andava carregado de pesadíssimas cadeias de ferro, sob um áspero cilício eriçado de pontas que o picavam na parte do corpo que não roçavam as cadeias. Sua habitação mais parecia sepultura que cela; seu jejum era contínuo, e toda a sua comida se reduzia a pão e tâmaras. Em tempo de quaresma dobrava as penitências; seu alimento nela eram umas raízes do Egito sumamente insípidas e muito usadas daqueles anacoretas, fazendo-as vir por meio dos mercadores que iam negociar em Alexandria. Trabalhava algumas horas em fazer cestos de junco e de folhas de palma, passando em oração o resto do dia e quase toda a noite. Apenas era seu corpo mais que uma chaga, despedaçado pelos instrumentos de mortificação e meio comido pelos vermes de que estava todo coberto; enfim, vivia por milagre.

Espalhou-se logo a voz por toda a costa de que havia na torre um homem maravilhoso. Seu aspecto, suas palavras e sua penitência fizeram conhecer a todos o mérito e o valor daquele

tesouro escondido. O mesmo Deus tomou por sua conta manifestar a santidade de seu servo com grande número de milagres. Concorriam de todas as partes a ver o anacoreta do Ocidente, que em devoção, em jejum e em penitência excedia (assim se dizia) aos solitários do Egito. Era tanto o concurso que o obrigou a tapiar a torre, deixando só uma janelinha bastante elevada por onde recebia o pouco alimento de que necessitava e de onde falava aos que iam consultá-lo e encomendar-se a suas orações.

A meia légua da ermida onde estava nosso santo havia um mosteiro, cujos monges iam visitá-lo frequentemente e sempre tiravam muito proveito de suas conferências espirituais. Por este trato familiar e pelo muito que os ajudava a caminhar para a perfeição, chamavam-no seu pai e seu abade; expressão de carinho e de respeito em que se fundou a equivocação de alguns escritores, que julgaram haver sido efetivamente abade daquele mosteiro. Dotado do dom de profecia, predisse a irrupção que os lombardos haviam de fazer imediatamente depois da morte de seu rei Clefo nos lugares da França contíguos aos Pireneus. Quando Deus lhe deu a entender que se iam aproximando aqueles bárbaros, preveniu-o aos povos da campanha para que tomassem suas medidas e se retirassem a tempo às povoações grandes, levando seus móveis e gados.

O mesmo aviso deu aos monges do mosteiro vizinho de sua ermida, aconselhando-lhes que quanto antes se retirassem com os vasos sagrados. Eles lhe rogaram que também ele mesmo se retirasse e fosse com eles; mas não quis abandonar sua celinha; e, como insistissem os monges em que não o haviam de deixar, o santo lhes respondeu: «Ide, filhos meus, e ponde-vos a coberto enquanto passa a tempestade; não tenhais cuidado de mim, porque, ainda que os bárbaros executarão comigo mil ultrajes, não me tirarão a vida. Vós sim que correis muito perigo se quanto antes não vos pondes a salvo.»

O sucesso comprovou logo a profecia. Passaram os bárbaros os Alpes por volta do ano de 576 e se estenderam pela costa de Gênova e da Provença. Uma tropa ou destacamento deles avançou até Nice e chegou ao pé da torre onde fazia penitência nosso santo. Ao primeiro rumor que ouviu, assomou à janelinha, e logo que o reconheceram os lombardos, cercaram a torre; mas, não descobrindo porta por onde entrar, dois deles escalaram até o teto e por ele desceram à cela. Ficaram assombrados, não menos de sua tranquilidade que daquela habitação; mas, reparando por entre o cilício nas cadeias que rodeavam todo o seu corpo, creram desde logo que seria algum insigne malfeitor, a quem por seus delitos teriam encerrado naquela torre e, olhando-o com horror, carregaram-no bem de injúrias. Buscaram um intérprete, por cujo meio lhe perguntaram que delitos havia cometido; e, como o santo respondesse que era verdadeiramente o que eles haviam imaginado, pois mal se acharia maldade de que não se cresse delinquente, um bárbaro levantou o sabre para fender-lhe a cabeça; mas, secando-se-lhe de repente o braço e deixando cair o sabre, ficou com o braço levantado; à vista do que, dando seus companheiros grandes alaridos, perguntaram ao santo que se havia de fazer naquele lance. Mandou Hospício ao soldado que se aproximasse dele e, fazendo-lhe o sinal da cruz, não só voltou repentinamente o braço a seu estado natural, mas, com outro maior milagre, o bárbaro se converteu a nossa santa fé; e, em lugar de seguir a seus companheiros, não quis separar-se de nosso santo e depois se fez religioso no mosteiro vizinho, onde vivia ainda com edificação quando São Gregório de Tours escrevia esta história.

Retirados os bárbaros, restabeleceu-se a tranquilidade, e cresceu tanto a veneração a nosso Hospício que de todas as partes concorria a gente a encomendar-se a suas orações. O sucesso que verificou sua profecia, a conversão do soldado e os milagres que obrava cada dia fizeram célebre seu nome em toda a Itália e em toda a França.

Um cidadão de Angers havia perdido a fala e o ouvido numa violenta enfermidade que o pôs à beira da sepultura. Resolveu ir em peregrinação a Roma com o piedoso fim de visitar os sepulcros dos santos apóstolos São Pedro e São Paulo, como também as catacumbas dos santos mártires, para que o Senhor por sua intercessão lhe concedesse algum alívio naquele doloroso acidente. Juntou-se no caminho a um diácono que fazia a mesma viagem; e, tendo chegado à Provença, tiveram notícia das maravilhas que cada dia obrava o Senhor por meio de nosso santo, o que lhes meteu vontade de vê-lo; mas, assaltando ao pobre enfermo a febre, não lhe foi possível sair da pousada, e só seu companheiro pôde ir visitar São Hospício. Depois de lhe haver dito o diácono o motivo de sua viagem, suplicou-lhe que em suas orações se lembrasse de seu companheiro. «Pois trazei-mo cá», respondeu Hospício. Ao ponto foi o diácono por ele e, conduzido à torre, tirou o santo o braço pela janela, agarrou-o pelos cabelos, aproximou-o de si, ungiu-lhe a língua com algumas gotas de óleo bento, derramou um pouco sobre a cabeça e exclamou: «Abram-se teus ouvidos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, e aquele mesmo Deus onipotente que lançou o demônio do homem surdo e mudo te restitua o uso da língua. Como te chamas?» Ao momento respondeu o enfermo, expressando-lhe seu nome com a língua desembaraçada e com voz clara e sonora; e, cheio de gozo por ver-se de repente são e bom, levantou as mãos ao céu e exclamou dizendo: «Bendita seja para sempre a bondade de meu Deus e meu Senhor pela maravilha que acaba de obrar com este servo seu. Eu ia a Roma para achar na intercessão dos santos apóstolos algum alívio em meus males; mas na Provença encontrei um São Pedro, um São Paulo e um São Lourenço na pessoa deste santo ermitão.»

Ainda estavam todos atônitos à vista deste prodígio quando se apresentou um bom homem chamado Domingos, cego de nascimento, que por conselho de nosso santo havia estado três meses no mosteiro. Perguntou-lhe o servo de Deus se veria de boa vontade: «Eu não sei que coisa é ver (respondeu o cego), porque jamais tive o uso da vista; mas, segundo o que tenho ouvido dizer, isto de ver deve ser coisa tão boa que me alegraria muito de fazer por mim mesmo a experiência.» Fazendo então o santo o sinal da cruz sobre os olhos de Domingos com óleo bento, disse-lhe estas palavras: «Em nome de Jesus Cristo, nosso Redentor, sejam abertos teus olhos.» No instante se lhe abriram; mas aquele homem ficou tão cheio de admiração e de assombro à vista da luz e de tudo quanto se lhe punha diante que por longo espaço de tempo esteve como imóvel e aturdido, sendo cada objeto para ele um novo motivo de pasmo. Este segundo milagre fez ainda mais ruído que o primeiro. Concorriam os enfermos até das mais remotas partes do Oriente, e todos voltavam louvando ao Senhor e publicando em todas as partes a eminente santidade e o grande poder que tinha com Deus aquele novo taumaturgo.

Havia mais de quinze anos que vivia Hospício em sua torre, mais como anjo que como homem, quando o céu lhe revelou sua próxima morte. Confiou esta notícia ao prior do mosteiro, pedindo-lhe que fizesse abrir a porta da torre e que fosse de sua parte dizer a Austádio, bispo de Nice, que dentro de três dias morreria; que lhe suplicava fosse visitá-lo, sem dúvida para que lhe administrasse os santos sacramentos e para que desse providência quanto a sua sepultura.

Espalhando-se em Nice a voz da próxima morte do santo, um cidadão chamado Crescente correu prontamente à torre; e, olhando atentamente a Hospício pela janela da celinha, ficou aturdido do que via. Movido de lástima e de assombro, sem poder reprimir as lágrimas, perguntou-lhe: «Como é possível que, carregado de cadeias e meio comido de vermes, tenhas podido sofrer tantos anos tão longos e tão cruéis tormentos?» «Aquele Senhor, por cujo amor me resolvi a pôr-me neste estado (respondeu o santo), pôde facilmente dar-me forças para tolerá-los e soube também adoçar toda a sua amargura.»

Conhecendo que se aproximava seu fim, fez que lhe tirassem todas as cadeias. Passou depois muitas horas em oração; levantou-se dela; estendeu-se sobre um banco com as mãos elevadas ao céu, o semblante doce, sereno e apacível; deu graças a Deus por todos os favores que havia recebido de sua liberal mão e, encomendando-lhe sua alma, expirou tranquilamente no dia 21 de maio de 581. No mesmo instante em que expirou desapareceram os vermes de que estava todo coberto, ficando seu corpo limpo; e o bispo Austádio dispôs enterrá-lo com toda a pompa que merecia sua eminente santidade.

São Gregório de Tours assegura haver ouvido da boca do mesmo surdo e mudo a quem curou milagrosamente São Hospício tudo o que refere disto na vida que escreveu de nosso santo. Em outra de suas obras acrescenta que, ao tempo de enterrá-lo, um homem tomou uma porção de terra da sepultura para levá-la ao mosteiro de Lérins. Embarcou-se num navio que ia a Marselha; mas, tendo entendido que tanto o patrão como o piloto e a maior parte dos marinheiros eram judeus, não se atreveu a declarar seu intento; mas, chegando em frente da ilha de Lérins, parou o barco, não obstante que soprava um vento fresco pela popa. Ficou pasmada toda a tripulação. Então declarou o passageiro que era cristão e que levava ao mosteiro de Lérins uma porção de terra da sepultura de São Hospício; acrescentando que não duvidava de que sucedia o prodígio por virtude daquela relíquia e que, enquanto não voltassem a proa para a ilha, seguramente não se moveria o casco. Aparelharam-se para ela as velas, e se dirigiu ao mesmo rumo o leme; ao ponto moveu-se o navio em direitura à ilha de Lérins, onde desembarcou o passageiro, e seguiu o barco sua derrota. Por este milagre foi nomeado São Hospício por um dos santos tutelares da ilha.

Guardam-se ainda preciosamente na catedral de Nice as relíquias deste grande santo; e se mostra também alguma parte delas nas igrejas paroquiais de Vilafranca e de Torbia. A península onde estava a torre conserva ainda seu nome, chamando-se a península de São Sospis.

Santa Maria de Socós, Virgem

Santa Maria de Cervelló, chamada comumente de Socós (do Socorro), por causa dos socorros que prestou a toda classe de necessitados na terra e no mar, nasceu por volta dos anos de 1230 na cidade de Barcelona, da ilustre e muito distinta família dos Cervelló, enlaçada com o real sangue dos condes daquela cidade. Fosse pelos rogos de São Pedro Nolasco, cuja proteção invocaram os pais da santa para que intercedesse com o Senhor a fim de que lhes desse sucessão; ou porque Deus lhes concedesse este único fruto de sua bênção, atendidas suas fervorosas súplicas e piedosas intenções; o certo é que Maria se deixou ver no mundo dotada de um sem-número de

graças correspondentes aos altos fins que sobre ela tinha a divina Providência. Recebeu o batismo na paróquia de Santa Maria do Mar e com ele aquele candor e pureza que confere o sacramento, a qual conservou inviolável toda a sua vida, correspondendo com sua conduta à santidade do nome que lhe impuseram em honra da Rainha dos anjos.

Sua mãe, senhora de grande mérito, quis encarregar-se por si da primeira educação dela e formá-la na virtude desde seus mais tenros anos, crendo judiciosamente que estas primeiras impressões influem não pouco no resto da vida e que são a semente fecunda a que corresponde o fruto na sucessão do tempo. Com estas miras aplicou-se a imprimir no delicado coração da menina os altos ditames da religião, o desprezo das vaidades do mundo e as salutares máximas do Evangelho. Faziam estas lições tanto efeito na alma de Maria que pelo gosto com que as ouvia e pelos esforços com que procurava pô-las em prática dava sensíveis sinais de seu aproveitamento. Sua total distração dos pueris entretenimentos, sua inclinação como natural à virtude, sua devoção, sua caridade, seu candor e sua modéstia, excedendo ao que ordinariamente se pode esperar de uma idade tão tenra como era a sua, fizeram conhecer a seus pais que o temperamento e humor natural não eram os que governavam a madureza de juízo e gravidade da menina, mas o movimento de uma particular graça com que Deus a havia prevenido para desprender-se do amor das coisas da terra em meio da abundância e esplendor de sua família. Notou-se nela uma afeição muito particular à oração, ainda antes de conhecer o mérito deste santo exercício; e uma compaixão muito terna para com os pobres, em quem empregava tudo quanto costumavam dar-lhe seus pais ou adquiria ela com o trabalho de suas mãos.

Nascida nossa santa para a virtude, criada com máximas tão cristãs e nutrida nos mais santos exercícios de piedade, fazia cada dia maravilhosos progressos na carreira da perfeição. Conheceu-se-lhe uma grande inclinação à vida religiosa; e em proporção era sua aversão a todas as vaidades do século e sua abstração dos objetos da terra. Nunca saiu de sua casa senão para ir à igreja, em companhia de sua boa mãe; ou para visitar os hospitais, aos quais ia três dias por semana, guiada de sua fervorosa caridade, a fim de assistir, socorrer e aliviar os pobres enfermos. O mesmo praticava com os enfermos de sua casa, exercendo estes ofícios com tantas e tais demonstrações de suavidade e afeto que à eficácia deste remédio se sentiam os pacientes aliviados e com superiores forças para tolerar suas dores.

Nada mudou Maria destes costumes quando foi crescendo em idade; pois, conduzindo-se pelas inspirações do Espírito Santo, que foram sempre o móvel de suas ações, soube conciliar com a devoção os rumos da nobreza, a humildade com as riquezas, a modéstia com seu estado e conservar inviolável o candor de sua pureza em meio dos perigos do mundo. Parece que seu nascimento e a opulência de sua casa haviam de causar nela alguma distração ou envaidecimento; mas não foi assim, porque o desejo de ser feliz para sempre a fez amar unicamente as coisas divinas com total desapego das da terra. Com esta ideia sempre se conduzia com muita circunspecção e majestosa gravidade, fazendo-se não só amar mas respeitar de quantos a conheceram, de sorte que a punha Barcelona por exemplo de recato, piedade e modéstia de todas as suas donzelas.

Às relevantes prendas de que estava adornada a alma de Maria correspondiam os formosos dotes de seu corpo; e, fazendo-a objeto da estima das gentes, apenas chegou à idade competente,

declararam-se muitos senhores principais pretendentes de sua mão, enamorados de sua beleza, de sua natural vivacidade e de sua grandeza de espírito, realçando estas qualidades um certo ar de santidade que se deixava ver em todas as suas ações e movimentos. Não se atreveram os pais, conhecendo o modo de viver de sua filha, a fazer-lhe nenhuma proposição; mas não obraram assim os parentes, os quais, mostrando o maior empenho em que tomasse estado, principiaram a assediá-la, fatigando-a com contínuas reflexões; e, sendo mais pesado nelas um tio seu, respondeu-lhe Maria com o respeito devido que lhe agradecia seu cuidado, mas que soubesse que a eleição de estado a tinha confiada a Deus, por cuja luz se guiava, esperando para deliberar num negócio de tanto momento que o Senhor lhe manifestasse sua vontade, e então a manifestaria a seus pais. Admirado o tio de tão concisa como sábia resposta, cessou de molestá-la.

Vitoriosa assim nossa santa da forte tentação, redobrou a vigilância para conservar ilesa sua integridade, valendo-se da oração, meditação e exercícios de penitência e separando-se de todo trato humano, com exceção do tempo que empregava nos hospitais e nas igrejas, frequentando os sacramentos. Tanta exatidão em conservar sua pureza virginal não podia deixar de protegê-la o céu, em cujo obséquio obrava a castíssima donzela. Pregou naquela conjuntura frei Bernardo de Corbera, seu diretor, um sermão sobre as prerrogativas da virgindade, e, ouvindo-o sua filha espiritual, acesa em vivíssimos desejos de conservar intacta uma virtude tão agradável aos olhos de Deus, desfeita em lágrimas, voltou-se a sua mãe e, apertando-lhe a mão fortemente, disse-lhe: «Senhora, comigo fala o pregador; Deus move sua língua para meu desengano; eu sou toda de Jesus Cristo, que me chama para esposa sua, e assim não têm que porfiar meus parentes para que tome outro estado.»

Esta firme resolução, que começou no lugar santo, seguiu-a até sua casa, onde, posta de joelhos aos pés de um crucifixo, fez voto de perpétua castidade, suplicando ao Senhor que se dignasse auxiliar seu propósito com o poder de seu braço. O mesmo rogo fez à santíssima Virgem, implorando sua proteção com as expressões mais ternas e devotas; e, tomando uma tesoura, cortou o cabelo e vestiu-se de um sargão tosco e grosseiro. Nesta disposição apresentou-se a seus pais e, renovando o discurso que havia principiado na igreja, fez-lhes ver com sábias e concludentes razões que, em consagrar-se ao Senhor, interessava-se nada menos que sua salvação. As ternas lágrimas que verteram os pais, admirados de uma resolução tão generosa, foram os sinais expressivos de seu consentimento; e, com efeito, dispostos a dar-lhe gosto, com acordo de seu diretor resolveram que vestisse o hábito de beata da Mercê e que seguisse livremente as ideias de uma vida religiosa.

Desde aquele ditoso momento em que se achou vestida com a divisa militar da Mercê, sentiu-se Maria excitada interiormente a caminhar para a perfeição; e, como até ali não havia cessado de exercitar-se na prática das virtudes cristãs, pouco teve que acrescentar no novo estado, com exceção de algumas penalidades que para mortificar-se inventou seu engenhoso fervor. Os jejuns, as disciplinas, o silêncio, seu particular recolhimento e sua contínua oração tinham tanto maior mérito quanto os exercitava em meio da multidão e opulência de sua casa.

Ocorreu a morte de seu pai quando contava Maria 30 anos de idade e, tomando daqui motivo para reduzir a família a menor número, persuadiu a sua mãe que investisse grande parte de seus bens em socorro dos pobres e em redenção de cativos. Não desatendeu esta piedosa senhora tão

salutar conselho; deram princípio à sua execução, deixando sua suntuosa casa e reduzindo-se a outra habitação humilde perto da igreja de Santa Eulália, onde viveram cinco anos, sendo o exemplo de toda a cidade. No fim deles, tendo morrido também a devota mãe, ficou Maria em plena liberdade de poder satisfazer os desejos de consagrar-se ao serviço do Senhor inteiramente.

Ainda que nos princípios do estabelecimento da religião Mercedária não se tratou de receber nela mulheres, por razão do quarto voto que forma o distintivo do instituto, pelo qual se obrigam os professos a ficar pessoalmente como reféns, e até nas mesmas prisões, se fosse necessário, para dar liberdade aos cativos que gemem sob a escravidão dos infiéis; como muitas senhoras das mais principais de Barcelona desejavam abraçar o novo estabelecimento (até então só lhes era permitido vestir o hábito em qualidade de beatas ou devotas), propôs-se este ponto no capítulo que celebrou a ordem em 1260, com ânimo de achar meio para vencer as dificuldades; e, ainda que nada se determinou naquela assembleia, ficando todos os ânimos dispostos, resolveu-se depois receber na religião as mulheres no seguinte capítulo, havido no ano 1265, em que sucedeu a morte da mãe de Maria. Inteirada esta da resolução, foi a primeira que vestiu o santo hábito de religiosa, no dia 25 de março do mesmo ano, que era o 35º de sua idade, 47º do estabelecimento da ordem e 30º de sua aprovação pela santidade de Gregório IX; e no seguinte ano fez sua profissão, com assistência de toda a nobreza da cidade, nas mãos de seu diretor, concebida nestes termos: «Eu, Sor Maria de Cervelló, ofereço a Deus e à bem-aventurada sempre Virgem Maria da Mercê ou Misericórdia, pobreza, obediência e castidade, e me obrigo a trabalhar para a redenção dos cativos, pelos quais farei o que a nosso padre geral parecer bem.»

Logo que fez este solene ato e investiu em alívio dos pobres e em redenção de cativos seu cabedaloso patrimônio, retirou-se a uma casa com outras nobres senhoras e mulheres devotas que seguiram seu exemplo, às quais o reverendíssimo Corbera deu certos estatutos muito sábios e prudentes com que dirigissem sua vida religiosa. Era preciso nomear superiora para a direção e governo daquela comunidade; e de comum consentimento se fez a eleição em nossa santa, apesar de sua humilde resistência. Instruída plenamente Maria nas obrigações do emprego, só pensou em desempenhá-las com a perfeição possível; e, persuadida de que os superiores devem mandar mais com as obras que com as palavras, empreendeu um gênero de vida admirável, capaz de fomentar o fervor de suas súditas e de recomendar nos princípios a santidade daquele nobilíssimo estabelecimento. A vigilância, a discrição e a caridade com que governava suas filhas e sua conduta em toda sorte de virtudes religiosas lhes fez conhecer que se havia posto à frente delas para servir-lhes de modelo mais que de superiora. Suas instruções, que levavam por diante seus exemplos, encaminhavam-se a inspirar-lhes o menosprezo do mundo, o silêncio, a paciência, o amor à pureza e às humilhações; mas mais que tudo o desejo de servir a Jesus Cristo, de quem se haviam consagrado esposas; e assim mesmo aos pobres, principalmente aqueles que choravam no cativeiro, cujo resgate era o ponto cardinal de seu instituto.

Seu regime ordinário pareceria incrível, numa saúde sumamente debilitada com o rigor de suas grandes penitências, se não o assegurassem as atas de sua prodigiosa vida. Ela fazia até os ofícios mais humildes e penosos da casa; lavava os pés com indizível ternura aos pobres cativos que resgatavam seus irmãos; e, como em seu tempo não se observava a clausura que hoje guardam as religiosas, seguindo seu antigo costume, assistia três dias por semana aos hospitais. Suas disciplinas eram diárias e sangrentas; jejuava a pão e água três dias cada semana e sempre trazia

oprimido seu virginal corpo com uma cadeia de ferro pesadíssima. Seu sono era mais mortificação que descanso, tomando-o, e sempre por curto tempo, sobre o duro chão; e, queixando-se do corpo quando a rendia o sono, costumava dizer: «Quem me livrará desta morte cotidiana, deste sepulcro em que vivo e deste caos de misérias?» O tempo sobrante de todos estes exercícios empregava-o em consolar os aflitos, em socorrer os pobres, em libertar os encarcerados e em procurar subsídios para a redenção de cativos; cujos feitos foram tão notórios, comuns e públicos que, deixando de chamá-la por seu próprio apelido, era conhecida de todos por Maria de Socós ou do Socorro.

Ainda que os que procurou na terra eram bastantes para merecer-lhe este nome, ainda foram maiores os que prestou no mar, pela especial graça que lhe concedeu Deus para socorrer os navegantes que se achavam em perigo de naufragar, por cuja razão a pintam comumente com uma nau nas mãos. Tantas vezes remediou estes fracassos que sua fama correu por todos os mares; invocavam-na os marinheiros apenas viam o perigo de uma tormenta, e logo experimentavam sua assistência. Não poucas vezes a sentiam falta suas filhas e, vendo-a voltar depois de largo tempo, notavam que trazia o hábito molhado e que destilava gotas por toda a sua extremidade; indícios nada equívocos de haver andado sobre as águas em semelhantes expedições.

Toda a cidade de Barcelona foi testemunha do prodígio que obrou à vista dela com uma nau que ia naufragar irremediavelmente se Maria não houvesse acudido a socorrê-la, caminhando sobre as ondas como poderia por terra firme. Não menos se celebrou outro portento desta espécie, que executou no ano 1283 em favor de frei Manuel de Albuquerque e frei Arnaldo Limberio, que vinham de fazer uma redenção. Alvoroçado o mar furiosamente, corria o navio ao arbítrio dos ventos, muito exposto à desgraça de ir a pique; mas, logo que invocaram nossa santa, viram-na vir sobre as ondas e, chegando-se a eles, disse-lhes: «Eia, irmãos, bom ânimo, alentai-vos no Senhor, que manda os ventos e o mar, que logo ficareis sem risco»; como se verificou pontualmente.

Tal era a graça de fazer milagres que havia concedido o Senhor à ardente caridade de Maria para com seus próximos; mas o amor que tinha a estes nascia do imensurável que professava a Jesus Cristo. Este Senhor era o objeto atrativo de todas as suas atenções; nele vivia, nele se movia, nele existia, não se separando jamais de sua presença. Este mesmo amor em que se achava abrasado seu coração a fazia prorromper em palavras cheias de fogo, capazes de acender os peitos mais frios. Orava sem interrupção, pois todas as ocupações e cuidados exteriores não eram capazes de distrair seu espírito. A matéria mais frequente de sua oração eram a paixão e morte do Crucificado, seu esposo. Na consideração destes sacrossantos mistérios empregava-se com tanta intensão, com tanta ternura e com tanto afeto que, permanecendo neles por muitas horas, lhe mereceram o nome de contemplativa; manifestando-se não poucas vezes arrebatada em largos êxtases e admiráveis deliquios, que davam a conhecer bastantemente o vulcão de fogo que ardia em seu peito e a facilidade de elevar-se até a união com seu amado.

Extenuadas as forças de Maria ao rigor de suas incomparáveis mortificações e grandes penitências, entre outras infinitas graças que lhe concedeu o Senhor, manifestou-lhe que havia chegado ao fim de sua carreira. Dispôs-se a receber a morte com as preparações que é fácil considerar numa alma acesa no amor de Jesus Cristo; e, depois de haver exortado suas filhas a praticar as virtudes religiosas e a seguir com fervor o caminho da perfeição, entre as lágrimas destas e afetuosas

jaculatórias, abraçada com um crucifixo, entregou seu espírito nas mãos do Criador, a 19 de setembro do ano 1290. Apenas expirou quando Deus quis fazer sensível a santidade e a glória a que havia elevado sua serva fiel, por um sem-número de prodígios: seu corpo despediu um odor suave e aromático e, além disso, transpirou certo humor sutil que, coagulando-se na superfície à maneira de um precioso ungüento, foi eficaz medicina que sarou a muitos enfermos. Tiveram-no três dias no féretro para satisfazer a devoção do inconsolável povo que concorria a venerá-lo; depois dos quais se depositou no mesmo convento, no cemitério destinado às religiosas, onde se manteve em grande veneração por muito tempo.

No ano 1380, noventa depois de seu ditoso trânsito, dom Pedro IV, rei de Aragão, devotíssimo da santa, mandou construir uma arca primorosa e correspondente à sua real magnificência, para que, trasladado a ela o venerável corpo, estivesse com maior decência. No dia assinalado para este ato, depois que celebrou de pontifical dom Pedro Planella, bispo então de Barcelona, quando intentou depositá-lo na arca nova, cresceu o cadáver tão consideravelmente que não cabia nela; e, convencidos por esta maravilha de que era a vontade da santa, sempre amante da humildade, permanecer na pobre caixa antiga, voltando a metê-la nela colocaram-na na capela de Santa Catarina Mártir, de onde na manhã seguinte se trasladou por si mesma, com não menor prodígio, à sacristia do convento. Com estes novos milagres aumentou-se sua devoção consideravelmente; e, continuando-os o Senhor cada dia pela intercessão de sua serva, não é o menor a incorrupção de seu corpo, o qual, feita inspeção 339 anos depois de sua morte, se achou íntegro e flexível, exceto a mão direita, o pé esquerdo e uma costela, que se haviam extraído para relíquias.

Justificados todos estes e outros muitos milagres, com o heroísmo de suas virtudes, no processo informativo feito a este fim, declarou seu culto imemorial a sagrada congregação dos Ritos no dia 9 de fevereiro de 1692, cujo decreto aprovou Inocêncio XII a 13 do mesmo mês; e, autorizando aquela, a 2 de outubro de 1694, a ordem para que celebre o ofício da santa com o rito de rezo duplo, confirmou-o Sua Santidade a 9 do mesmo mês e ano.

Martirológio Romano

Na Mauritânia, a festa dos santos mártires Timóteo, Polo e Eutíquio, diáconos, os quais, depois de haver pregado a palavra de Deus neste país, mereceram receber juntos a coroa da glória.

Em Cesareia da Capadócia, a festa dos santos mártires Polieucto, Vitório e Donato.

Em Córdoba, São Secundino, mártir.

No mesmo dia, os santos Sinésio e Teopompo, mártires.

Em Cesareia de Filipe, a festa dos santos mártires Nicóstrato e Antíoco, tribunos, com alguns outros soldados.

No mesmo dia, São Valente, bispo, que foi martirizado com três meninos.

Em Alexandria, a comemoração de São Segundo, presbítero, e de outros muitos, a quem no império de Constâncio assassinaram cruelmente na festa de Pentecostes por ordem do bispo ariano Jorge.

Além disso, os santos bispos e os santos presbíteros a quem desterraram os arianos e os quais mereceram ser associados aos santos confessores.

Em Nice, na Provença, São Hospício, confessor, célebre por sua severa abstinência e por seu espírito de profecia.

Missa (oração)

A oração da missa em honra do santo é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Hospicii confessoris tui annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, etiam actiones imitemur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade do bem-aventurado Hospício, vosso confessor, dai-nos graça para que, celebrando a nova vida que recebeu no céu, imitemos as ações da que viveu na terra. Por Nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 15 do profeta Jeremias.

Jeremias 15,16-17

> **Latim:** [16] Inventi sunt sermones tui, et comedi eos : et factum est mihi verbum tuum in gaudium et in lætitiam cordis mei, quoniam invocatum est nomen tuum super me, Domine Deus exercituum. [17] Non sedi in concilio ludentium, et gloriatus sum a facie manus tuæ : solus sedebam, quoniam comminatione replesti me.

Português: [16] Achará-se os teus discursos, e eu os comi, e a tua palavra foi para mim o prazer e a alegria do meu coração: porque invocado foi o teu nome sobre mim, Senhor Deos dos exercitos. [17]

Não me assentei no congresso dos escarnecedores, nem me gloriei á face da tua mão: eu estava sentado só, por quanto me encheste de ameaças.

Nota

«Jeremias, filho de Helcias, foi natural de Anatot, povo da tribo de Benjamim, de família sacerdotal. Não só foi escolhido de Deus antes mesmo de ser concebido, não só foi consagrado profeta no ventre de sua mãe, mas, quando não tinha mais que quinze anos, declarou-o o mesmo Senhor ministro seu nas nações e nos reinos, oferecendo-lhe que lhe poria as palavras na boca para que não se escusasse com sua tenra idade. Começou a profetizar Jeremias no ano da criação do mundo 3375, isto é, 629 anos antes do nascimento de Cristo.»

Reflexões

Non sedi in concilio ludentium. Não concorri às partidas de jogo. Necessariamente devem ser muito desagradáveis a Deus essas partidas, quando tanto se alegra o profeta de não haver concorrido a elas e alega por mérito isto mesmo. Não é de hoje a aversão que mostra Deus a este gênero de diversões. A paixão pelo jogo é perniciosa e vedada. Autorize-a o mundo quanto quiser pelo costume e pela publicidade; nosso evangelho a proscreve e Deus a reprova. Em meio disso, o jogo é hoje a ocupação mais ordinária da gente de distinção, de toda a que se chama gente de bem. Se não se jogasse, que faria tanta multidão de pessoas ociosas? Em que passariam o tempo tantas damas e tantos cavalheiros? Mas será esta razão suficiente para autorizar a paixão pelo jogo enquanto a religião a condena? Não quero por ora que olhemos este costume com olhos puramente espirituais; olhemo-lo não mais que à luz da razão cristã.

Entre todas as diversões pode-se assegurar que o jogo é a que tem feito mais progressos e, se é lícito dizê-lo assim, a que tem feito mais fortuna no mundo; porque embevece com mais império, porque deixa à razão menos tempo para fatigar-nos com molestas reflexões e ao coração menos liberdade para senti-las. É verdade que o jogo já não é diversão; é um estudo que resseca, um trabalho ingrato e estéril que consome; é uma paixão à qual se sacrifica a fazenda, a alma e o sossego. Clama-se contra a aplicação do espírito que se diz ser inseparável de todo exercício de devoção. Mas uma só noite de jogo pede mais aplicação, consome mais espíritos que muitas meditações e uma semana inteira de exercícios. Que atenção, meu Deus, para levar a cabo um projeto, para aproveitar um lance, para prevenir, se fosse possível, o acaso, para iludir a habilidade e as astúcias do contrário, para descobrir seus intentos e até seus pensamentos, e enfim que atenção para suplantar meu rival, que pelo menos é tão hábil como eu!

Representemo-nos uma mesa de jogo. Não há coisa mais grave: deixa-se ver no semblante dos jogadores uma severidade triste e desabrida; sem falar nem pensar em outra coisa que em ganhar, estão aguardando continuamente uma conjuntura ou um incidente que lhes favoreça. Não interrompem aquele inquieto silêncio nem aquele mau humor que os acompanha senão para

mostrar o medo de perder ou o sentimento de haver perdido. Abstraídos sempre e em certa maneira alheados, esquecem-se até das mais comuns atenções da boa educação; perdoa-se-lhes todo desafogo, as maiores grosserias, palavras ofensivas, arrebatamentos, como àqueles enfermos que, por uma demasiada dissipação do espírito ou por uma excessiva agitação do sangue, caem em frenesi. Dura o mau humor mais que o jogo; e uma obstinação indiscreta, por não dizer uma espécie de furor por ganhar sempre ou por desforrar-se da perda, renova incessantemente as partidas e faz mais violenta a paixão. Esta é aquela nobre diversão, alma de todas as tertúlias, ciência de todas as idades, atrativo de todos os ociosos, nó de todos os enredos, de todas as maquinações. Isto é o que se chama desafogo do ânimo, recreação inocente, diversão honrada dos homens de bem; acrescentemos ainda: paixão dominante daquelas pessoas que não ignoram que hão de dar a Deus estreitíssima conta de todos os instantes da vida; daquelas que, sendo-lhes muito pesado empregar para Jesus Cristo meia hora do dia, não sentem dificuldade em alongar o jogo até altas horas da noite. Pretende-se persuadir que o jogo adormece todas as demais paixões e que, suspensas ou cortadas todas, cedem a esta. Mas melhor se diria que a todas as desperta, todas as fomenta e todas as ressuscita, enquanto faz, por assim dizer, que se amodorre a razão e se enfraqueçam todas as demais boas prendas da alma. Quantos homens, em tudo o mais atentos, apacíveis, políticos, sumamente afáveis, parece que só no jogo têm fel e, por seus modos rústicos, grosseiros, por sua cólera e arrebatamentos, se transformam em outros homens! Parece que não há outra paixão mais adequada para afogar todo sentimento de piedade e até de religião, e para fazê-lo com mais estrago e menos desconfiança de nossa parte, que a paixão do jogo.

Mas, se todo cristão devera envergonhar-se de ser jogador de profissão, que diremos daqueles que, por um indigno tráfico tão contrário aos bons costumes, fazem de suas casas academias de jogo? Pode haver condição, estado mais lastimoso? Oferecer, por assim dizer, alojamento à dissolução, quartel aos dissolutos e a todos os vícios um asilo público! Meu Deus, que maior cegueira nessas almas vis e mercenárias que a de querer fazer-se responsáveis de todos os pecados que cometem os jogadores que concorrem e carregar, digamo-lo assim, com toda a sua iniquidade! Não, por certo, não é o gosto de ter companhia o que faz sacrificar sua casa e seu sossego à diversão e à ociosidade de tanta gente desconhecida. Tampouco nasce isto de um gênio condescendente, naturalmente inclinado a comprazer a muitos, a quem talvez não pode ver, a quem aborrece e despreza. Sem algum interesse nunca chegou a tanto a mais oficiosa condescendência. Não pode ser outro o motivo que o de um indigno tráfico de baralhos e de dados à custa da consciência e dos bons costumes; ganho real e efetivo, muito capaz na verdade de manter uma família carregada de dívidas e de supri-la até para o supérfluo; mas ganho pernicioso, que enche as casas de desditas e, cedo ou tarde, reduz os filhos à última miséria. E ditosos eles se se livram só com este castigo; mas são poucos os desta espécie que verdadeiramente se convertem.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São João.

João 16,20-22

> **Latim:** 20 Amen, amen dico vobis : quia plorabitis, et flebitis vos, mundus autem gaudebit ; vos autem contristabimini, sed tristitia vestra vertetur in gaudium. 21 Mulier cum parit, tristitiam habet, quia venit hora ejus ; cum autem pepererit puerum, jam non meminit pressuræ propter gaudium, quia natus est homo in mundum. 22 Et vos igitur nunc quidem tristitiam habetis, iterum autem videbo vos, et gaudebit cor vestrum : et gaudium vestrum nemo tollet a vobis.

Português: 20 Em verdade, em verdade vos digo : que vós haveis de chorar, e gemer, e que o mundo se ha de alegrar : e que vós haveis de estar tristes, mas que a vossa tristeza se ha de converter em gozo. 21 Quando huma mulher pare, está em tristeza, porque he chegada a sua hora : mas depois que ella pario hum menino, já se não lembra do aperto, pelo gozo que tem, por haver nascido ao mundo hum homem. 22 Assim tambem vós-outros sem dúvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gozo : e o vosso gozo ninguem vo-lo tirará.

Meditação

Das diversões

Primeiro ponto

Considera que um cristão em nada devera encontrar diversão senão na penitência; este só fruto havia de ser doce para todo pecador. Não, por certo, não vêm ao caso as diversões num país inimigo e em tempo de combate. Quem pode divertir-se estando desterrado, quando todos os objetos lhe inspiram e movem à tristeza? *Sentados à margem do rio de Babilônia, derramamos torrentes de lágrimas lembrando-nos de Sião* [^1], diziam os israelitas desterrados da santa cidade. Consumidos de dor em meio de um povo bárbaro, penduramos os instrumentos músicos nos salgueiros e nos abandonamos ao pranto. Instam-nos para que cantemos os mesmos que nos conduziram cativos. *Cantai* (dizem-nos) *as canções que cantáveis em Jerusalém.* Mas como poderemos cantar os cânticos do Senhor em terra estranha? Assim falavam os judeus suspirando por voltar a Jerusalém; e assim devem gemer os cristãos as misérias de seu desterro, clamando pela Jerusalém celestial, sua amada pátria. A alegria mundana nunca foi herança dos eleitos do Senhor. *Vós chorareis,* dizia-lhes o Salvador, *e o mundo se alegrará;* vós estareis tristes, e o mundo se entregará à delicadeza, à ociosidade e aos passatempos. Descreve aqui Jesus Cristo o caráter distintivo de dois gêneros de gentes, de eleitos e de réprobos, de servos seus e de escravos do mundo. *Vós,* isto é, vós amados de meu Pai; vós que permanecestes constantes comigo na tentação; vós, pequena grei, estareis preocupados de tristeza; mas o mundo, isto é, aquelas almas sensuais que não têm de cristãs mais que o nome; aquelas mulheres profanas que não têm mais que uma sombra de religião; aquela multidão que corre à sua perdição pelo caminho largo, só suspirará pelos entretenimentos. Uma alegria artificial e amarga fará toda a sua lastimosa

felicidade; um encadeamento de diversões insípidas e tumultuosas será toda a sua herança. Tristes escravos da vaidade, funestas vítimas do luxo, gentes do mundo, ponderai, levantai o grito quanto quiserdes exagerando vossas diversões e vossos passatempos. Dizei em boa hora que vossa vida é uma contínua primavera; muitas flores, muitas folhas, muito verdor, muito viço; mas quais são os frutos para a vida eterna? Vosso riso vai mudar-se em pranto; vossa algazarra, vossos gritos de alegria em cruéis gemidos; vosso gozo superficial, tão breve, tão passageiro, numa eterna tristeza; enquanto a tristeza aparente dos bons vai converter-se numa alegria pura, plena, cumulada, que jamais há de ter fim. Ó meu Deus! Houve jamais estado mais lamentável que o desses homens de passatempos? Há nem pode haver presságio mais funesto que o de uma vida empregada toda na sensualidade e nas diversões?

Segundo ponto

Considera que nem todas as diversões estão proibidas; há-as lícitas; mas nenhuma das permitidas deve deixar de ser cristã. As diversões devem ser um inocente desafogo do ânimo, fatigado pelo contínuo trabalho e debilitado pela demasiada aplicação; mas que seria aplicação, nem que pesado trabalho fatiga os que só se ocupam na caça, no jogo, nos passatempos e em puras bagatelas? Coisa estranha! As pessoas do mundo mais famintas de passatempos são sempre as mais ociosas; livres de todo cuidado, não têm outra ocupação que a de pensar em que hão de empregar o tempo; fatiga-as sua mesma ociosidade. Estão embevecidas quando se multiplicam e se variam as diversões; mas esse embevecimento não será porventura aquela alegria de maldição, que é como a semente de uma tristeza eterna? Gasta-se toda a vida em visitas, no jogo, em passeios, em convites. Não só não causa vergonha uma vida tão oposta às máximas do Evangelho, mas se faz vaidade e glória dela. Em que se passa hoje a vida no mundo senão no que causaria horror aos primeiros cristãos? Nem se fala nem se sabe falar de outra coisa que de jogo, de caça, de modas, de galas, de espetáculos. Oh, e quanta verdade é que no mundo ninguém está menos necessitado de divertir-se que os que mais se divertem! Os mais deles são pecadores, muitos dissolutos e alguns até ímpios; não deviam pensar em outra coisa que no pranto e na penitência e deviam desterrar-se para sempre de toda diversão.

Contudo sucede todo o contrário. A uma perpétua cadeia de jogos e de diversões reduz-se hoje a mais séria e quase a única ocupação das gentes do mundo, e estas gentes nem sempre são as mais ajustadas. Não se divertem para viver; vivem para divertir-se. Tem-se lástima daqueles que, por uma disposição mais piedosa e mais cristã, andam pouco solícitos dessas frívolas e insubstanciais diversões. Ao que não se acha em todas as concorrências de diversão reputa-se por insosso, por homem insociável. Só o não saber em que se há de passar uma hora causa inquietação. Ao passeio segue-se o jogo, ao jogo o baile, ao baile a ceia, e a este perpétuo enlace de diversões estão reduzidos todos os afãs das gentes do século. Sua verdadeira felicidade consiste em não ter um instante de repouso. E depois disto causar-lhes-á novidade quando se lhes pergunta se são cristãos? Estes são aqueles honestos passatempos, aquelas inocentes diversões que falta pouco para que nos queiram persuadir que são atos de virtude e meritórios. Grite Jesus Cristo quanto quiser pela mortificação, pela penitência; as gentes do mundo não têm batalhas que dar, combates que sofrer nem violências que fazer-se; só têm paixões que fomentar, inclinações viciosas que acender. A vida ociosa e regalada ocupa o lugar daquela vida penitente e laboriosa

que o Salvador quis que fosse a herança e como o distintivo de seus verdadeiros filhos. Tudo o que sabe a retiro, a modéstia, a regularidade, sobressalta; o nome só de devoção estremece e assusta. A metade do tempo se passa em querer dar gosto a outros e a outra metade em não querer senão o que a cada um agrada. Muito digno de compaixão é um enfermo que só gosta do que lhe danifica. E depois disto admiraremos que o Senhor esteja tão irritado; que gema o universo ao peso de novos açoites que descarregam sobre ele cada dia; que o erro encontre tantos sectários; que o vício inunde toda a terra e que se encha o inferno de cristãos!

Senhor, que por vossa misericórdia vos haveis dignado iluminar-me para fazer estas reflexões, não permitais que as faça inutilmente. Seguro estou de que mereci o inferno, mas não o estou de que haja feito penitência. Acaso, meu Deus, estou em desgraça vossa; e ainda penso em divertir-me! Não, doce Jesus meu, não me convém essa alegria; resolvido estou a passar o resto de minha vida em amarga penitência.

Jaculatórias

> *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ.* Is 38.

Longe de pensar em passatempos, só pensarei, Deus meu, em chorar os pecados de minha má vida com amargura de toda a minha alma.

> *Quomodo cantabimus in terra aliena?* Sl 136.

Desterrado estou, e não é razão que me divirta no lugar de meu desterro.

Propósitos

1. O ânimo tem necessidade de algum desafogo, assim como o corpo a tem de algum descanso; mas tanto o descanso como o desafogo são prejudiciais a ambos se se tomam sem regra e sem medida: o ânimo se agrava e se entorpece, e o corpo se enche de humores e adoece. O mesmo efeito produzem as diversões mais lícitas se não se tomam com sobriedade. De nenhuma uses que não seja cristã, sendo sempre a razão cristã, e não a paixão, a que te obrigue a tomá-la. Foge cuidadosamente de toda diversão de bulha e de tumulto, guardando-te bem de destinar tuas diversões para o dia de festa. Que abuso, que desordem, que impiedade converter o dia do domingo, isto é, o dia do Senhor, em dia de jogo, de baile, de perigosa ociosidade e de diversões profanas! Olha com horror esta espécie de irreligião e em todas as tuas diversões considera bem o tempo, o motivo e a duração. Tem sempre na memória que um fim reto deve ser a regra de todas

as diversões. Um homem ocupado necessita de algum desafogo; um corpo fatigado pelo trabalho pede de justiça algum descanso. Mas a diversão sempre há de ser diversão e nunca ocupação; há de deixar certa alegria e nunca arrependimento. Sendo excessiva, sempre é danosa. Não há de ser a paixão a alma nem a regra das diversões; para serem lícitas é mister que sejam cristãs. Nunca esqueças estes conselhos e põe-nos em prática.

2. Tem grande cuidado em que todas as tuas diversões sejam decentes, correspondentes a teu estado, a tua condição, a tua profissão, a tua idade e também à reputação em que geralmente te têm. Deves desterrar-te para sempre de toda diversão que possa servir-te de ocasião de pecado. Nas mesmas diversões hás de mostrar-te sempre cristão, religioso, modesto, atento, bem-educado e enfim homem ajustado, que sempre está muito sobre si. Jamais te abandones totalmente a elas; concede-lhes o ânimo, mas não o coração, porque to estragarão. Impõe-te como lei fazer interiormente certo número de atos de amor de Deus durante as diversões; meio admirável para que te sejam proveitosas ao mesmo tempo que são cristãs. A compostura, a urbanidade, o sossego de que jamais te hás de esquecer no jogo e nas diversões contribuirão para fazê-las mais agradáveis. Em nenhuma outra ocasião se descobre melhor o gênio e a virtude.

[^1]: Sl 136,1-4 (Vulgata). A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota não aparece no OCR e a referência (Sl 136, na numeração da Vulgata) foi deduzida do texto citado.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:25 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:25 by Admin